

TV+

# Paixão pelo ofício

Júlia Portes, atriz e escritora, fez parte do elenco de *Emergência radioativa* e compartilha com o *Correio* sua trajetória nas artes

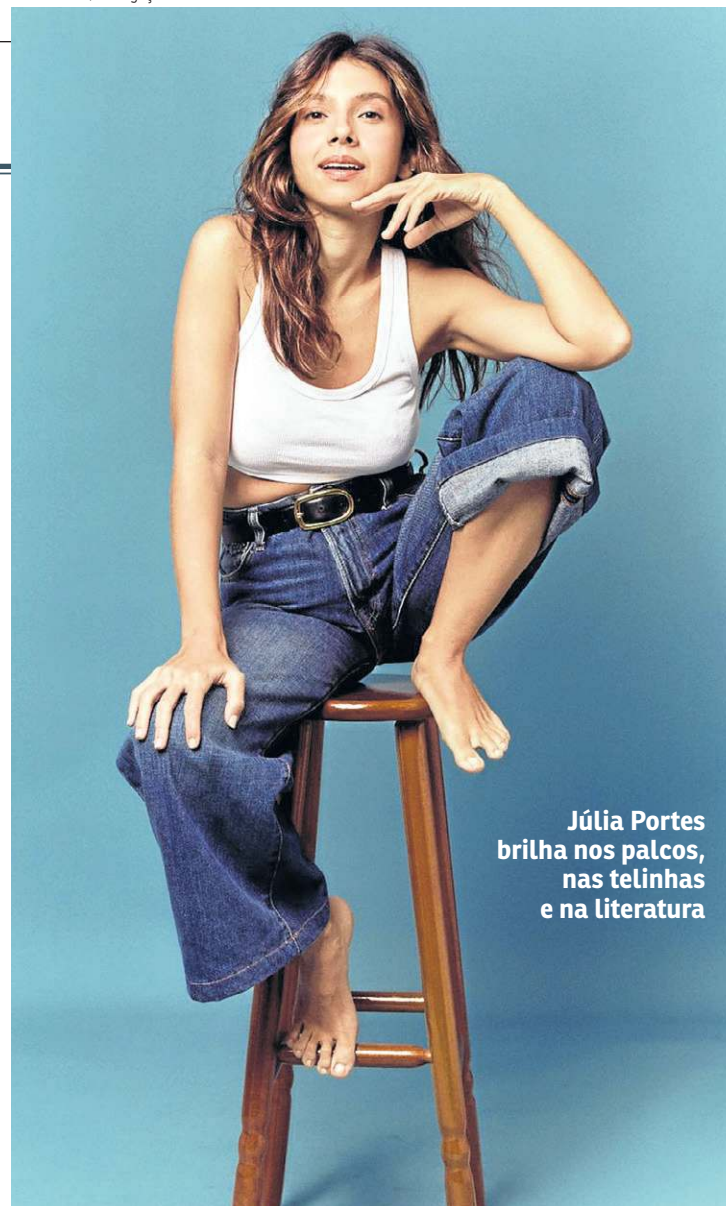
MARIANA REGINATO

Desde pequena, Júlia Portes desejou ser atriz. Com graduação em artes cênicas e mestrado na área, o palco sempre foi uma paixão, de forma até obsessiva, como a maioria das grandes paixões. A atriz atualmente integra o elenco de *Emergência radioativa*, nova série da Netflix sobre o caso de Césio 137 em Goiânia, que bombou na plataforma.

O palco foi o início de tudo para Júlia. “Meus primeiros passos foram no palco e, de alguma forma, ainda são, porque nessa profissão a gente nunca para de começar. A sensação de não saber é primordial”, comenta a atriz que é mestra pela UFRJ em artes da cena. Além da graduação, Júlia considera que teve uma segunda faculdade. A atriz escreveu o solo *É sobre você também* e apresentou em todos os lugares possíveis.

“Passei cerca de três anos apresentando em todos os lugares que eu podia: teatros, bares, eventos, versões de 10 minutos para abrir outras peças, na casa de amigos. Essa foi uma segunda faculdade, não só pelo que me ensinou em termos práticos, mas pelo confronto com meu próprio desejo, me intimou a saber se eu estava disposta a pagar o preço do pato”, explica.

Para Júlia, *Emergência radioativa* foi uma abertura de mundo, espaço em que pôde conhecer pessoas que admira, como Fernando Coimbra, Iberê Carvalho, Nara Mendes, Johnny Massaro e Alessandra Tosi.



Júlia Portes brilha nos palcos, nas telinhas e na literatura

“No audiovisual, eu já tinha feito filmes independentes e uma personagem em *Malhação*, mas esse foi o primeiro projeto dessa magnitude do qual participei e no qual estive desde o início. O Fernando é um diretor que entende de forma muito minuciosa o trabalho da atriz e se interessa profundamente pelos artistas”, destaca.

Júlia comenta que o diretor da série também coloca os atores em lugar de criador. “Eu me senti muito vista por ele, com a sensação de que tinha não só um diretor, mas um parceiro de criação. Eu me sentia muito dirigida e ao mesmo tempo tendo minhas escolhas validadas. Acho que, com isso, o trabalho se engrandece”, elogia.

## Várias paixões

Do teatro para as telinhas, Júlia percebe as diferenças e as partes complementares das artes. “A gente está sempre entrando em cena com toda a nossa experiência de palco e de vida, não existe um ‘fora’, é sempre uma continuidade. Então, no audiovisual, eu me sinto acompanhada por tudo o que vivo no teatro. Acho que a autoralidade dá um estofado para a gente olhar

para o trabalho, porque, no teatro, estamos sempre pensando tudo junto, com todas as áreas. E, por mais que seja completamente diferente do audiovisual em termos de execução, isso cria um espírito de coletividade que eu levo comigo para qualquer set”, comenta.

Além do teatro e do audiovisual, Júlia Portes também é autora do livro *O céu no meio da cara*. O projeto foi finalista do Prêmio Jabuti. A vontade de ser escritora surgiu pelo costume da leitura, hábito que salvou sua vida. “Me tira de mim, da minha mente, da minha pequenez; me coloca em contato com a beleza no sentido mais amplo, mesmo que se trate de algo horrível. Ou entrou na minha vida porque minha mãe escreve e sempre me incentivou a ter comigo as palavras. Ou porque eu também quero estar em cena com as minhas próprias palavras. Ou por causa da minha formação teatral, que sempre me levou nessa direção”, reflete Júlia sobre como a vontade da escrita surgiu.

Com tantas paixões para balancear, Júlia acredita que o jeito de continuar amando todas as coisas é não se ver refém de nenhuma. “Acho que a minha angústia não se atenua em apenas uma linguagem, e a gente

está sempre precisando voltar ao detalhe, ao que é minúsculo, ao primeiro traço. A paixão está aí, em se alegrar com o próprio dia a dia”, comenta.

A mudança entre linguagens vem de uma inquietude. “Nunca estou esperando, estou sempre criando: enquanto faço uma peça, um filme, uma grande série, enquanto repito que não sou atriz em um palco olhando para as outras pessoas, enquanto escrevo, enquanto dou aulas, enquanto ajudo outras pessoas em suas criações. E, lógico, isso não me livra das angústias, do medo da escassez, da vontade de ser chamada, de pertencer, mas acredito que me dá mais dignidade”, ressalta.

Sobre o momento atual, Júlia está feliz com o reconhecimento de um projeto que respeita tanto. Além disso, filmou o curta *A casa do Pai*, com direção de Patrick Sampaio, que circulará em festivais ainda este ano. O livro *O céu no meio da casa* virou peça no ano passado, volta a entrar em cartaz e está sendo adaptado ao cinema. Júlia também está no processo de edição do seu segundo livro. Com muita paixão pelo ofício, a atriz e escritora está em um caminho para um ano e uma carreira brilhante.